



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**



ANDRÉA DE ALMEIDA SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO: O TRABALHO DA PARÁFRASE E POLISSEMIA NAS
TIRINHAS DE ARMANDINHO**

ITABAIANA/SE

2018

ANDRÉA DE ALMEIDA SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO: O TRABALHO DA PARÁFRASE E POLISSEMIA NAS
TIRINHAS DE ARMANDINHO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, como requisito à
obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni

ITABAIANA/SE

2018

ANDRÉA DE ALMEIDA SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO: O TRABALHO DA PARÁFRASE E POLISSEMIA NAS
TIRINHAS DE ARMANDINHO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, como requisito à
obtenção do título de graduado em Letras.

Trabalho aprovada em: 12/03/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni
Universidade Federal de Sergipe
Avaliador / Membro interno

Prof.^a Dr.^a Adriana Sacramento de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe
Avaliadora interno

Dedico todo esse trabalho em especial a minha mãe Ana Maria, por ter sido minha maior incentivadora, por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, me dando forças e acreditando que tudo iria dar certo. Enfim, é pra você essa vitória mãe.

AGRADECIMENTOS

É Deus quem aponta a estrela que tem que brilhar. “Tudo tem sua hora”. (Ec. 3:1). Obrigada meu Deus, por seu infinito amor e misericórdia. Agradeço aos meus pais Welington e Ana Maria por todo amor, paciência, dedicação, apoio e confiança depositada em mim. Aos meus irmãos, avós, tios, primos e cunhada, enfim a toda minha família. Na universidade conheci pessoas maravilhosas que junto a mim, trilharam esse caminho e a cada dia sou grata ao Senhor por colocá-las em minha vida, meus amigos que conquistei EDENILDES, JOSÉ HÉLIO e BRUNA, que juntos formamos o “QUARTETO FANTÁSTICO”, ao meu querido PAULO meu companheiro até o finzinho do curso, que Deus mantenha os quatro para sempre em minha vida. Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma durante minha caminhada. Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Fábio pela paciência e dedicação.

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga, inexplorada”.

(Ferdinand Saussure)

RESUMO

Visto que as redes sociais são grandes influenciadoras na questão da formação ideológica e discursiva na constituição de um sujeito nos dias atuais. Especificamente retirada da página de facebook (Armandinho). Nesta dissertação busquei estudar os processos de produção de sentidos sobre o gênero tirinha, e a forma que todo o enunciado provoca um deslizamento no sentido em relação a cada sujeito. Especificamente, desejei investigar de que modo o discurso identifica de maneira ideológica a construção delas. Sob base teórica e metodológica da Análise do discurso, que tem como prioridade discutir as relações entre linguagem, ideologia e meio social.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso. Sujeito.

ABSTRACT

Since social networks are great influencers in the question of ideological and discursive formation in the constitution of a subject in the present day. Specifically taken from the facebook page (Armandinho). In this dissertation, I tried to study the processes of production of meanings about the genre tirinha, and the form that the whole statement causes a slip in the direction in relation to each subject. Specifically, I wanted to investigate how the discourse ideologically identifies the construction of them. Under the theoretical and methodological basis of Discourse Analysis, which has as a priority to discuss the relations between language, ideology and social environment.

Keywords: Ideology. Speech. Subject.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	12
1.1 PRINCIPAIS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	13
1.2 DISCURSO	16
1.3 POSIÇÃO DISCURSIVA.....	17
1.4 MEMÓRIA	17
1.5 INTERDISCURSO	18
1.6 IDEOLOGIA	19
1.7 FORMAÇÃO DISCURSIVA	21
1.8 SUJEITO DISCURSIVO.....	22
1.9 PARÁFRASE E POLISSEMIA.....	23
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DO DISCURSO DE MÍDIA	24
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	25
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que um sujeito é interpelado pela ideologia do meio social em que vive, e que o discurso é a materialização da ideologia presente no sujeito discursivo através da língua, é que notamos a importância da AD nos estudos discursivos. Desse modo, precisamos olhar cada vez mais as questões que envolvem o discurso a partir de uma análise sobre a construção e movimentação de sentidos do social através da linguagem em nossa formação de sujeito, pois é, através dessas formação que ideologias se materializam, sendo reproduzidas ou contestadas por meio dos nossos discursos. Sendo assim, trago neste trabalho uma análise discursiva sobre os desvios de sentidos causado no gênero tirinha, por associar uma linguagem verbal e não-verbal ao equívoco e desvio de sentido, trabalhando o jogo entre paráfrase e polissemia.

O avanço da tecnologia e a evolução rápida da internet são fatores que propiciaram o surgimento de inúmeros gêneros textuais, e outros deles passaram por uma transição, e a tirinha foi um deles, que se desmembrou das história em quadrinhos. Por se tratar de narrativas curtas e de rápida compreensão, elas abordam temas diversos, por meio do humor, da ironia, ou até mesmo de críticas sociais. Através de formas verbais e não-verbais, sua estrutura contém diálogos, que trazem um contexto ambíguo e variações nos sentidos.

É isto que se propõe este trabalho contextualizar a Análise do Discurso com base teórica, analisar o discurso e o desvio de sentido presente no gênero tirinhas, de acordo com uma proposta mais ampla de investigação das práticas discursivas e sociais. Nosso objetivo principal é investigar como elas são interpretadas, e como os recursos utilizado nelas podem fazer despertar no analista do discurso suas formações ideológicas e discursivas.

Como abordagem utilizarei como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso, organizada por Eni P. Orlandi (2002). Tal abordagem permite apresentar a importância dos estudos linguísticos para o desenvolvimento humano e para a mudança social, portanto estruturaremos esse trabalho da seguinte forma:

- a) Inicialmente, faço uma introdução sobre o trabalho, contendo apresentação do tema, a justificativa, o problema que aborda a pesquisa e os objetivos.
- b) No primeiro capítulo apresento a contextualização da AD e suas influências, dando sequência com os principais conceitos da Análise do Discurso, passando pelo

conceito de discurso, em seguida falaremos sobre posição discursiva, logo após os conceitos de memória, passando pelo interdiscurso, posteriormente abordando Orlandi (2002), Fiorin (1998), Tfouni e Pantoni (2005) conceituando a ideologia, em sequência exponho sobre formação discursiva, sujeito discursivo, paráfrase e polissemia.

- c) No segundo capítulo abordo sobre análise do discurso de mídia na perspectiva de Gregolin (2007).
- d) No terceiro capítulo, exponho a metodologia deste trabalho, onde utilizo uma pesquisa qualitativa, exibindo como trabalho as análises do gênero escolhido que me levou a desenvolver o trabalho.
- e) No quarto capítulo tratarei da análise do corpus, analisando o gênero como prática discursiva, apresentando dez imagens do gênero, de onde foi extraído e quem foi o criador do personagem escolhido.

Por fim, almejo que esse trabalho, através deste estudo, que procurou seguir os estudos linguísticos, possa agregar para debatermos as relações entre linguagem e ideologia, destacando a contribuição dos estudos de análise do discurso da linguagem e na formação do sujeito discursivo.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO

No século XIX, na antiguidade e nos estudos retóricos a principal forma de analisar um texto era através da semântica histórica. Entre os anos 20 e 30 os formalistas russos contribuíram com seus estudos e com um texto mais estruturado, embora fosse voltado para o estudo literário buscando assim o sentido lógico contido no próprio texto. Daí surgiu a análise de conteúdo, que se atem a retirar os sentidos dos textos, respondendo a questões simples em que: o texto quis dizer? Ainda sobre as influências da AD, temos o inglês M. A. K. Halliday, que ele considera o texto como uma passagem de qualquer comprimento que forma um todo unificado, diferentemente da Análise de Discurso ele paralisa apenas na descrição do texto.

A análise de discurso que teve início nos anos 60 do século XX visa responder: como este texto significa? Ela busca encontrar o sentido do outro lado do texto. A Análise do Discurso tem o próprio discurso como objeto de estudo, ela não se prende apenas ao sentido da lógica do texto, mas nos faz refletir, sem nos iludirmos que estejamos conscientes de tudo, pois conforme Orlandi (2002, p. 17), a “linguagem não é transparente”. Ela nos permite ser capaz de ter uma relação com a linguagem, mesmo que seja de maneira ingênua. O que a Análise do Discurso busca dar a conhecer é o caráter histórico da linguagem, embora essa área de estudo é de ruptura, o que sugere uma série de reconsiderações no interior do próprio fazer linguístico.

Como sabemos, o texto não é apenas uma frase longa ou uma soma de frases. Ele é uma totalidade com sua qualidade particular, com sua natureza específica. (ORLANDI, 2002, p. 18)

Segundo Orlandi (2002), a Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, ou seja, a AD trabalha com diversos dispositivos para a compreensão dos sentidos, não se limita somente na interpretação. Quando o analista se propõe a analisar um determinado texto por exemplo, ele deve usar sua capacidade de construção na compreensão de um dispositivo teórico. Esse é o papel da AD propiciar condições intelectuais ao analista de discurso “que teoriza a interpretação, isto é, que coloca a interpretação em questão”.

1.1 PRINCIPAIS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme afirma Orlandi (2002), os três domínios que constituem a Análise do Discurso são: Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A língua é objeto de estudo da linguística, para ela a linguagem não é transparente. Dessa forma entendemos que a linguística é a forma abstrata da linguagem e a língua juntamente com a história, é o que produz sentido na forma material, isto é, é a forma materializada dos sentidos que compõe assim o que chamamos de linguístico-histórica.

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2002, p.19)

O discurso não é somente uma estrutura, ele é também um acontecimento, essa união entre estrutura e acontecimento é a forma material do acontecimento do significante, ou seja, em um sujeito afetado pela história, a junção desses dois elementos é muito importante para os estudos discursivos, pois não se separam forma e conteúdo. A partir dessa junção é que entra a contribuição da Psicanálise, compondo o simbólico na história, com o deslocamento formando assim, “a noção do homem para a noção de sujeito”. “Não é qualquer sujeito, mas um sujeito específico para o discurso: o sujeito do inconsciente, da linguagem, atravessado pela linguagem”. (BRASIL, 2011, p. 172¹).

Assim para a Análise do Discurso:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria dizer que o sujeito

BRASIL, Luciana. **Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso**: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*. 17293. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.
(ORLANDI, 2002, p. 19-20)

De acordo com Orlandi (2002), sabemos que a Análise de Discurso é formada pelas três regiões de conhecimentos – Psicanálise, Linguística, Marxismo com isso, compreendemos que o discurso não está somente reduzido a Linguística como objeto de estudo, nem exclusivamente a teoria Marxista e muito menos a teoria da Psicanálise, ela questiona a “Linguística pela historicidade” discutindo “o Materialismo perguntando pelo simbólico”, ou seja, a junção das três áreas de conhecimento resulta na forma material do simbólico. Através da ideologia que a psicanálise trabalha o material relacionado ao inconsciente contida na historicidade do sujeito. Esses campos de conhecimento da Análise do Discurso compõe um novo objeto que é o discurso.

Quando pensamos em Análise do discurso a memória discursiva que um sujeito possui é posta de lado e colocamos como importante o sentido, pois a Análise do Discurso é constituída “no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais”, ou seja a linguagem só é o que porque faz sentido e escreve a história.

a Análise de Discurso reúne três regiões de conhecimento em suas articulações contraditórias: a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. a teoria da ideologia e c. a teoria do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica. (ORLANDI, 2002, p. 25).

Resumidamente o analista de discurso precisa carregar teoricamente consigo essas três regiões de conhecimento para encontrar o sentido do material analisado, daí então temos como resultado a relação de “noção de leitura e interpretação” de acordo com a posição crítica adotada nos anos 60 onde se iniciou a Análise de Discurso, que “problematiza a relação do sujeito com o sentido (da língua com a História)”.

Assim como a linguagem não é transparente, a leitura também não é devido a seus impasse, o sujeito tem sempre que está à procura de um aprofundamento em várias linhas de pensamentos, como no trecho citado acima, para que ele tenha base no que se propuser a fazer. Esse é o papel da Análise de Discurso como disciplina propiciar condições intelectuais ao analista de discurso “que teoriza a interpretação, isto é, que coloca a interpretação em questão”.

Além disso, três distintos dispositivos são usados para compreender um texto que são a: “inteligibilidade refere o sentido a língua”, isto é, o que o analista sabe sobre o português. “A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto

imediatos”, a interpretação vem do sentido que o sujeito extrai das informações contida num determinado contexto. Não precisa necessariamente essas informações serem propriamente ditas.

A AD pretende compreender os discursos. “Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos” (ORLANDI, 2002). Quando compreendemos um determinado objeto de estudo, compreendemos diversas possibilidades de sentidos. A compreensão também está ligada a explicar a organização dos textos as vias de interpretações que relacionam sujeito e sentido, produzindo “novas práticas de leitura”.

Em resumo é importante saber que há distinções entre inteligibilidade, interpretação e compreensão, e que apesar de suas diferenças, são de suma importância na prática da análise de discurso, pois não basta somente saber sobre a língua, se não sabemos interpretá-la e muito menos compreender os sentidos do objeto simbólico.

Cabe ao analista ao analisar um objeto simbólico, ser responsável pela interpretação através do dispositivo teórico, formular questionamentos que desencadeia sua análise.

Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais. (ORLANDI, 2002, p. 27)

Vale ressaltar que quando falamos em análise do discurso, colocamos em questão o que realmente é de responsabilidade do analista, pois sua análise, mesmo dispondo de um dispositivo teórico resulta em diferente na compreensão do objeto estudado, o sentido contido em sua interpretação causa naturalmente uma nova compreensão de sentido. A Análise de Discurso tem sua riqueza porque permite a exploração das diferentes maneiras de interpretação, e traz consigo a personalidade analítica de cada analista.

Sabemos que não somos conscientes de tudo e a Análise do Discurso nos coloca para refletir a esse respeito, permitindo que sejamos capazes de ter ao menos “uma relação ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2002, p. 9). A partir daqui abordaremos o conceito de discurso, e sua definição e os elementos que o compõe, sua importância para os estudos discursivos, já que ele é o objeto de estudo da Análise do discurso.

1.2 DISCURSO

Somos fruto do exercício dos nossos pensamentos, ninguém nasce tomando partido de uma ideologia ou posição política, nós aprendemos a pensar de acordo com o que vemos e ouvimos, e esse aprendizado acontece por meio da linguagem, no conjunto de experiências a que somos expostos. A forma que pensamos nas coisas como nossas verdades chamamos de discurso. A AD estuda o jogo das relações de forças na sociedade, não para impor o certo ou errado, mas para explicitar como se dá o funcionamento na construção de sentido para cada sujeito. Para a Análise do Discurso a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história, é por intermédio dela que o discurso acontece. O discurso permite que haja uma mediação entre o homem e a realidade social, tornando possível a conservação e continuidade quanto ao deslocamento e a transformação do homem na realidade em que vive.

Visto que as palavras já chegam até nós carregadas de sentido, quando se fala em discurso, pressupõe que o sujeito (emissor), ao transmitir um discurso, traz consigo informações carregadas de sua ideologia, porém essa mensagem quando absorvida pelo receptor, infere também sua ideologia na absorção da mensagem, acrescentando novas informações a formação de um novo discurso. O que chamamos de “efeito de sentidos entre locutores”.

Quando pensamos no processo de decodificação de uma mensagem, não podemos separar o emissor do receptor, muito menos em uma sequência, onde a fala de um vem primeiro que a do outro para que haja a compreensão do código, podemos sim dizer que emissor e receptor estão ao mesmo tempo realizando o “processo de significação”. Sendo assim dizemos que, decodificar não se trata apenas de transmitir informações por meio da linguagem, pois temos a existência de dois sujeitos produzindo sentidos “afetados pela língua e pela história”. Quando dizemos que o discurso é efeito de sentidos entre locutores, significa dizer que as relações estabelecidas entre sujeito e sentido por meio da linguagem causam múltiplos e variados efeitos na comunicação.

Outro ponto importante para a Análise do Discurso é a relação entre língua e discurso, nem o discurso é totalmente livre e nem a língua é totalmente fechada, “a língua é assim condição de possibilidade de discurso”. Segundo M. Pêcheux (1975), a relação é de recobrimento, não havendo, portanto uma separação estável entre eles.

Compreendemos que o discurso transita entre o movimento e a linearidade, e que é constituído de regularidade, ou seja, partindo do pressuposto de uma leitura teórica, vemos que o conceito sobre determinado tema que está ali descrito no texto, tem um embasamento social e histórico, não podemos simplesmente a partir da nossa leitura numa análise discursiva alterar o sentido dado aquele texto. Podemos sim, ampliar os sentidos de acordo com a nossa visão particular, relacionado a nossa memória ideológica, mantendo o embasamento teórico.

1.3 POSIÇÃO DISCURSIVA

A posição discursiva trabalha com a imagem que o sujeito possui perante ao meio social que vive, e lhes incumbem de autoridade para tal posição. Podemos exemplificar a relação entre professor e aluno. A imagem do professor perante ao aluno torna o discurso dele mais significativo, devido a autoridade que o professor possui sobre ele, ainda que, o aluno se utilize do mesmo discurso do professor, não terá a mesma significação. A projeção da imagem do sujeito discursivo faz com que sua posição discursiva seja mais respeitada, e tenha mais autoridade e credibilidade, em seu discurso.

Conforme a afirmação de Orlandi (2002), há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir sentidos”), tais como um juiz, o professor, etc. É justamente o que trata a posição discursiva é o lugar físico que o sujeito ocupa com propriedade para aquilo que foi designado socialmente.

Além disso, a posição tem relação com a ideologia, ou seja: uma posição discursiva tem a ver com uma posição ideológica, sendo a posição discursiva, a materialização linguística da posição ideológica assumida pelo sujeito.

1.4 MEMÓRIA

Como afirma Orlandi (2002), para a Análise do Discurso existe dois tipos de memória: a memória institucional e a memória constituída pelo esquecimento. A memória constituída pelo esquecimento é aquela que é formada pela ideologia, é a memória que nos permite trazer à tona os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação social como indivíduo. Ela é resgatada a partir do momento em que numa dada situação. Podemos compara-la a uma

reservatório que o sujeito guarda de discursos já ditos, que estão pré-estabelecidos em um lugar esquecido, e que lhe retoma quando lhe for preciso.

Ainda sobre a visão de Orlandi (2002), a memória faz parte da produção do discurso. A memória discursiva é aquela que é acionada, a partir de um determinado tema abordado, a interpretação é o primeiro passo que tomamos ao fazermos uma leitura, depois de interpretarmos nossa memória discursiva é ativada para que dali extraíamos sentidos, a respeito do tema proposto, sobre o que já lemos ou ouvimos falar a esse respeito.

Os sentidos não se esgotam no imediato. Tanto assim é que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. Não temos controle sobre isso. Mas tentamos. Faz entrada, assim, em nossa reflexão, a noção de contradição junto à de equívoco. (ORLANDI, 2002, p. 50)

Por exemplo, ao lermos um texto sobre política, absorvermos as informações (não todas no momento), e essas informações vem carregadas de sentidos, claro que as informações que nos traz mais sentido ficam mais evidentes para nós, porém isso não quer dizer que as informações menos evidentes não nos são importantes, mas causam em nossa memória menos efeitos, até que sejam necessariamente exploradas em algum momento necessário. Nas palavras de Orlandi (2002), o trabalho ideológico é um trabalho de memória e de esquecimento, ou seja, quando o sujeito absorve uma informação carregada de seus sentidos, somente quando essas informações passam para o “anonimato que o dizer produz sentido”.

A memória discursiva é responsável pela produção do funcionamento do discurso, ela diz respeito aos dizeres que se manifestam a partir de uma história específica, o que se fala sempre, antes, ou em outro lugar, ela é atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo. Ela é o espaço onde recobramos discursos anteriores, é nela também que as forças ideológicas se estabelecem os sentidos pré-construídos. A memória discursiva é um dos conceitos fundamentais em um discurso, para que o dispositivo ideológico da interpretação se manifeste através da memória discursiva é preciso que já haja sentido para haver sentido.

1.5 INTERDISCURSO

De acordo com Orlandi (2002), o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. O interdiscurso se relaciona com a formação discursiva, através de uma memória histórica-ideológica. Essa relação se dá

pelo que “já-dito e o que se está dizendo”, ou seja entre a formulação e construção de sentidos. Ainda sobre o interdiscurso para Orlandi (2002) na visão de Courtine (1984) explica essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representado por eixo vertical e horizontal, o eixo vertical seria o que já foi dito e esquecido (o dizível) e no eixo horizontal representa o interdiscurso ou a formulação.

Pode-se dizer que o interdiscurso é a formulação do dizível contido na memória, produzindo novos dizeres. Essa relação está representada pela “memória (constituição) e o da atualidade (formulação)”.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. (ORLANDI, 2002, p. 33)

Há outra relação que também podemos abordar, é a relação entre o interdiscurso e o intertexto, o interdiscurso trabalha estruturalmente com a constituição da memória afetada pelo esquecimento e a atualização da formulação de sentido. Já o intertexto se caracteriza pela relação entre textos.

O interdiscurso é o mesmo que chamamos de memória discursiva, a Análise do Discurso trabalha com a relação dos processos de ensino aprendizagem, essa relação é uma questão que se impõe para que o analista de discurso. O inconsciente e a ideologia são elementos que a linguagem traz em consideração para a noção de interdiscurso. Definimos então o interdiscurso com o já-dito, quando falamos nossas palavras vem carregadas de sentidos, e para que essas palavras ao ser ouvidas por nós elas precisam fazer sentido, e esse é o trabalho do interdiscurso é “resgatar” da nossa memória, onde reside o que já foi dito antes, e produzir novos efeitos de sentidos através da ideologia.

1.6 IDEOLOGIA

A ideologia tem um papel fundamental para a Análise do Discurso, é através dela que o homem expõe sua formação social de maneira consciente ou não, na condição de sujeito. E a partir daqui abordaremos o conceito de ideologia na visão teórica de Fiorin, Orlandi e Tfouni e Pantoni.

Segundo Fiorin (1998), existem dois níveis de realidade: um de essência e outro de aparência, sendo assim ele explica esses dois níveis através da comparação entre produção da força de trabalho e troca de trabalho através salário. Numa relação entre patrão e empregado,

o salário estabelece essa falsa relação justa, de troca de trabalho por salário. Mas para Fiorin essa relação é de aparência, pois o empregado não recebe o justo pelo que trabalha, que seria a realidade pela essência, e sim pela sua força de trabalho que é a relação de aparência. Se essa relação entre empregado e patrão fosse realmente de troca, haveria uma relação igualitária de poder econômico.

Desse modo o autor defende que a ideologia está ligada ao nível econômico, pois a sociedade ao longo da história, contribui de maneira constante na formação do homem como sujeito. Do ponto de vista de Fiorin (1998), a ideologia é a forma fenomênica da realidade, ela é constituída pela consciência do homem em um mundo social. Relacionando a ideologia com o espaço social, ela é a “visão de mundo”, isto é, é um modo mais amplo de visionar a realidade. A ideologia também está ligada ao “nível econômico”, pois ela reflete as condições das classes sociais. Ainda sobre o conceito de ideologia de Fiorin (1998), a ideologia é uma “falsa consciência”, ou seja ela inverte a realidade ocultando a “essência da ordem social”.

O conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. (FIORIN, 1998, p. 28)

Agora do ponto de vista de Orlandi (2002), o fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. A ideologia tem um papel fundamental na Análise de Discurso, pois é a partir dela que o sujeito expressa o interdiscurso, através da linguagem, podemos considerar assim a ideologia como a imaginação de acordo com a nossa visão enquanto sujeito.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2002, p. 47)

Ainda sobre a posição Orlandi (2002), o trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência, ou seja, o homem por meio da imaginação produz novos conceitos através da forma material do que já existe, do que já foi dito.

Na visão de Orlandi (2002), a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua, partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, isto é, a ideologia

contida no homem durante sua formação social é materializada através do discurso. É trabalho da ideologia e do inconsciente fazer com que as palavras nos façam sentido, assim o já-dito (o interdiscurso), passa a ser uma relação lógica para nós, na relação entre a língua e história, através de um gesto de interpretação.

As autoras Tfouni e Pantoni mostram uma sequência de conceitos sobre ideologia e suas transformações sofridas, segundo a visão de alguns autores importantíssimos. Que contribuíram com seus conceitos de ideologia para a Análise do discurso.

Para Tfouni e Pantoni (2005), dentro da perspectiva marxista, o conceito originário de ideologia de Max e Engels, na visão de Bottomore (1988), expressaria a relação entre “formas invertidas” da consciência e existência material dos homens. Althusser (1980) propõe, segundo Portelli (1977), “uma teoria da ideologia geral, na qual a função da ideologia é assegurar a coesão na sociedade”. Para Tfouni e Pantoni (2005), partindo das contribuições do materialismo histórico no que diz respeito à superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção e realizando um novo deslocamento, ou seja, a ideologia contribui na estruturação do homem enquanto sujeito discursivo, no processo de produção de sentidos novos.

São vários os conceitos de ideologia nas visões dos autores, porém um conceito está relacionado ao outro, que é a função da ideologia, em relação a língua, a história e o social. O homem enquanto indivíduo em um meio social é afetado pela ideologia mais evidente.

1.7 FORMAÇÃO DISCURSIVA

A formação discursiva e formação ideológica estão ligadas uma a outra, a ideológica diz respeito a imposição do pensar, já a discursiva a produção do que dizer. De maneira que, para Fiorin (1998), a formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. É através dessa visão de mundo que o homem enquanto sujeito discursivo, formula sua visão individual de determinado sentido, materializando a ideologia no seu discurso. Durante o processo de ensino aprendizagem é que acontece a formação discursiva de um homem num meio social, daí dessa aprendizagem é que o homem constrói seus discursos.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2002, p. 43). Ou seja, analista reúne o que ideologicamente está internalizado baseado nas circunstância de fatos ocorridos, acompanhado da interpretação e compreensão de um objeto simbólico.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. (ORLANDI, 2002, p. 43)

As palavras em si tem seus significados, mas quando falamos em formação discursiva nos atemos a questão do sentido que as palavras possuem em um determinado contexto, e suas formações ideológicas que o analista traz em sua análise. A metáfora na visão de Lacan (1966) é aqui defendida como a tomada de uma palavra por outra (ORLANDI, 2002, p. 44). Na análise do discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam.

Ainda sobre a metáfora Orlandi (2002), diz que para Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por outra palavra, expressão ou proposição. A palavra vem carregada de sentido de acordo com o ambiente proposto, por isso, ela é considerada metafórica porque ela transfere o sentido com o contexto a ser utilizado.

1.8 SUJEITO DISCURSIVO

Segundo Orlandi (2002), afirma que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras, não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito. O sujeito discursivo está ligado a posição que ele exerce no discurso, que o faz significar, que “lhe dá identidade”. Quando falamos de sujeito discursivo, notamos a presença da formação discursiva o que “eu digo deriva seu sentido em que estou inscrevendo minhas palavras”.

O discurso tem um abrangência inalcançável de efeitos de sentidos, mesmo que o sujeito discursivo tenha uma programação em controle, do dizer. Esse controle é apenas uma ilusão, os efeitos de sentidos que esse discurso podem causar no ouvinte é maior do que o sujeito discursivo, possa imaginar, pois, as relações sociais e históricas e ideológicas,

contribuem, para compreensão do que foi dito. A materialidade desses efeitos “atingem esse sujeito apesar de suas vontades”. (ORLANDI, 2002, p. 32).

Considerando que a linguagem é um suporte fundamental para a noção de ideologia na AD, é que constatamos que na condição de sujeito e construção de sentido que se institui a ideologia. Na proporção que, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é movido a interpretar, a buscar o sentido das palavras e das coisas. Mas, não há sentido sem interpretação, portanto, sem ideologia, logo não temos como não interpretar.

Após tornar-se sujeito pela interpelação da ideológica e pela introdução do simbólico, o indivíduo tem sua maneira individualmente solidificada por meio das instituições e das relações materializadas pela condição que especificam a forma histórica do indivíduo.

1.9 PARÁFRASE E POLISSEMIA

Quando lemos um texto não só o analista de discurso como o enunciado está sujeito a um retorno constante ao que já foi dito, ou seja, o dizível. Essa é a relação entre o conhecimento adquirido e o conhecimento interno de cada sujeito que surgem novas produções. Assim é a relação entre a paráfrase e a polissemia que segundo Orlandi a paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. Pode-se dizer que a polissemia é uma multiplicação de sentidos das palavras num contexto, e a paráfrase é o imutável, no âmbito das comparações a polissemia é o movimento e a paráfrase é a constância. Ao analisarmos um texto ou qualquer gênero textual, percebemos que existe um jogo entre paráfrase e polissemia, entre o igual e o distinto.

Segundo Orlandi (2002) esse jogo entre o mesmo e o diferente que surgem novas ideias e transformações de sentidos, porque a própria “língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa”. Nem sempre um sujeito ao escrever um texto pode contar com a compreensão do mesmo de acordo com o sentido que ele quis dá ao que escreveu, ou seja, nada está acabado sempre em mudança.

Desse modo podemos diferenciar na análise do discurso o que é produzido e o que é criado. “A “criação” em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados,” ou seja, a criação de um determinado conteúdo não se limita apenas ao que foi

criado, pois tudo o que é produzido é com base do que já foi dito. O processo parafrástico seria então o guia para manter o sujeito no caminho certo de sua produtividade.

Decorre daí a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. (ORLANDI, 2002, p. 38)

A repetição é o que sustenta a paráfrase como matriz dos sentidos, já a polissemia é a movimentação dos sentidos. Exemplificando, se compararmos paráfrase e polissemia com a história de um filme baseado em fatos reais, a paráfrase é representada pela história, o objeto simbólico. Esse filme pode ser contado de várias maneiras com embasamento no fato real a história que realmente aconteceu. Essa mesma história do filme pode ser levada para o cunho de comédia, do drama e etc. Esse é o trabalho da polissemia trazer ponto de vista diferentes aos sentidos com o mesmo objeto simbólico, que seria no exemplo dado a história do filme. Portanto a polissemia faz com que os sentidos sejam produzidos através do que já foi dito.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DO DISCURSO DE MÍDIA

De acordo com Gregolin (2007), a articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos, ou seja, os estudos de mídia e análise de discurso se complementam pelos mesmos objetos de estudo, as práticas sociais. A mídia tem um grande poder de transformar coisas simples em grandes acontecimentos. Convivemos no mundo contemporâneo, com a presença de acontecimentos, que através da mídia vão se transformando no que é chamado “história do presente”.

O discurso midiático cria identidades sociais para quem está exposto, baseado em fatos ocorridos, trabalhando através da impressão que a mídia constrói para um sujeito. A materialização dos efeitos de sentido, forma o discurso na prática social, historicamente determinada constituindo os sujeitos e os objetos.

Para Bauman (2006), a identidade é um efeito de pertencimento que tem em sua raiz o paradoxo da instabilidade. Os lugares contemporâneos são permanentemente deslocados pelas máquinas de informações e, por isso, é impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único. (GREGOLIN, 2007, p. 6)

Quando pensamos que sentido está ligado ao campo da história e sujeito ao campo social há um confronto de discursos, ou seja, cada um ocupa o dispositivo identitário. O campo social defende a permanência da verdade, já o campo da história prioriza o momento.

Através de técnicas de confissões como: entrevistas, textos, reportagens, depoimentos, relatórios e etc., o discurso midiático por meios de textos verbais ou não verbais tem o poder de interpelar o leitor a construir imagens do sujeito ou objeto exposto criando uma identidade, o resultado disso é o que chamamos de efeitos identitários de sentidos. A mídia provoca através da velocidade de suas informações o que identificamos de “história ao vivo”.

A propaganda também é uma das ferramentas usadas num discurso midiático, trabalhar com o visual (imagem), carregada de sentidos propõem ao leitor um mergulho conceitual nas proposta apresentada pela propaganda. Segundo Gregolin (2007), acompanhar alguns trajetos de sentidos em textos da mídia, é que podemos perceber sua função na produção social pelas construções/reconstruções das identidades. Assim como as palavras já vem pra nós carregadas de sentidos, as imagens também exercem essa função, pois ela também é um meio de evidência da ideologia. A Análise de Discurso de mídia agrega muitos pontos positivos para os estudos discursivos, através das capas de revistas, jornais, entrevistas, sites e etc., pois o acesso a esses meios de comunicação só tem aumentado, então isso possibilita com a análise do discurso de mídia, aproxime mais o leitor a problematizar questões, a estar mais atento ao que a sociedade os impõe na construção do homem enquanto sujeito participante de um meio social.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo, apresentar uma pesquisa qualitativa. Durante o processo de pesquisa, optei por utilizar uma abordagem metodológica para coleta e análise de dados, fazendo uma análise discursiva sobre a visão teórica dos autores: Orlandi (2002) onde baseio como um suporte de toda minha análise, Fiorin (1988), Tfouni e Pantoni (2005) conceituando a ideologia e Gregolin (2007) para análise do discurso de mídia. Em seguida, apresento o gênero de análise (as tirinhas), analisando suas características.

Por se tratar de um gênero muito comum ao convívio das pessoas com as redes sociais, esse gênero chama atenção, por associar uma linguagem verbal e não-verbal ao equívoco e desvio de sentido, trabalhando paráfrase e polissemia.

O intuito desse trabalho é possibilitar ao leitor, não somente interpretar o que está descrito em uma tirinha, mas poder analisar discursivamente seus efeitos de sentido, sua capacidade não só de interpretação de texto e/ou semântica, como também a capacidade de analisar linguisticamente, colocar em prática sua memória discursiva, não ficar apenas na repetição do ensino aprendizagem, mas promover a produção de sentidos e os efeitos causados nele enquanto sujeito a linguagem. As transferências presentes nos processos de identificação dos sujeitos constituem uma pluralidade contraditória de filiações históricas. (ORLANDI, 2002, p. 60).

Na posição de analista de discurso, selecionei o material contendo palavras que trouxessem variadas formas de interpretação, já que sabemos que uma mesma palavra, pode ter significados diferente na mesma língua, dependendo do contexto que estejam inseridas, e relacionado ao sujeito discursivo a que formações discursivas e ideológicas elas estão ligadas. O dispositivo de análise escolhido propicia, ao analista não só uma análise interpretativa, contudo um olhar específico ao discurso, pois o gênero a avaliar traz temáticas de cunho social, que é uma abordagem constituída na ideologia, as práticas sociais do homem enquanto indivíduo.

A Análise do Discurso tem uma grande importância para a constituição do sujeito discursivo, com o avanço das tecnologias, surgiram diversos gêneros, que podem ser associado ao estudo da prática discursiva. É com essa finalidade que trabalharemos para contribuir com os estudos discursivo, trazer para o leitor um olhar mais enriquecedor no ensino aprendizagem, tirar da prática escolar o mecanismo repetitivo do ensino, trazendo à baila novas possibilidades não só para interpretação, mas um olhar particular do ponto de vista de cada analista/leitor.

Segundo Orlandi (2002), explorar a questão da construção do dispositivo de análise, é trazer a singularização do dispositivo teórico e fazer com que o analista dê conta de seu objeto de estudo. O desvio de sentido ou deslizamento/transferência presentes na identificação do sujeito presente no processo discursivo também é um elemento muito importante para a AD, pois é através dessa questão da transferência que a autora mostra como o dispositivo de análise construído deve demonstrar o “como se fala a mesma língua”, contudo, mesmo assim,

são falados diferentes sentidos. Como a interpretação faz parte do processo do objeto de estudo do analista, vale destacar que ele sempre vai estar envolvido no processo de interpretação, portanto o analista nunca estará neutro no lugar em que ele discute, aonde se possa investigar a “verdade” dos processos de produção de sentido, mas sim um “deslocamento” que o compõe a trabalhar no intercalo que existe entre a “interpretação” e a “descrição”. Sendo assim o analista ocupa-se de uma posição deslocada que o permite observar o processo de produção de sentidos em suas condições.

Outro ponto importante que Orlandi (2002), ressalta é a demarcação do corpus, visto que a Análise do Discurso se atenta aos fatos da “linguagem, com a materialidade e com a espessura semântica” dos processos de produção de sentidos. A construção do corpus se dá em montagens discursivas obedecendo aos critérios que provêm de princípios teóricos da Análise do Discurso. Diante dos objetivos da análise o que se procura é mapear as regularidades do processo de produção discursiva, e não o esgotamento temático de um discurso, no qual findaria em acabar somente no conteúdo, que a AD contesta desde seu surgimento no âmbito dos estudos críticos de produção de conhecimento nos campos da filosofia da linguagem.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS

Atualmente as redes sociais tem influenciado bastante na construção do indivíduo inserido na sociedade, também tem sido através das redes que o homem como sujeito discursivo tem imposto sua ideologia, através de seu discurso, sendo assim o dispositivo escolhido a ser analisado daqui por diante, será as tirinhas. Retirada de uma página do Facebook do personagem Armandinho, criado há 6 anos pelo catarinense ²Alexandre Beck, suas tirinhas abordam assuntos cotidiano. Seu trabalho é um convite ao leitor a uma reflexão, através das tirinhas ele faz uma crítica social usando a inocência das crianças como uma forma de chamar atenção para o seu trabalho. A partir daqui analisaremos as tirinhas escolhidas, aplicando os conceitos de paráfrase, polissemia, equívoco, metáfora e desvio de sentidos, presentes no dispositivo de análise.

² BOSCO, Tiago. **Tirinhas, Críticas e Popularidade**: A história de Armandinho contada pelo seu criador – design – Revista Wide. Disponível em: <<http://www.revistawide.com.br/design/a-historia-de-armandinho-contada-pelo-seu-criador>> Acesso em 13 de Fevereiro de 2018.

Como sabemos a polissemia, é o diferente, é a movimentação dos sentidos. Segundo Orlandi (1998), em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo, na polissemia, a produção da diferença. Ou seja, na paráfrase (repetição) estamos sempre dizendo a mesma coisa, de maneiras diferentes (na polissemia). Quando produzimos um discurso, ele vem por si em nossas palavras carregados de ideologia, pois o trabalho do interdiscurso é fazer com que as palavras já nos faça sentido, mesmo a língua sendo sujeita a equívoco e ideologia sujeita a falhas. É na produção desse discurso que o sujeito ao significar, se significa, isto é, constrói seu discurso dando sua identidade.

A paráfrase e a metáfora explicitam-se, pois, enquanto procedimentos de análise. Esta é, para mim, uma marca da especificidade da análise de discurso: ela introduz uma noção não linguística de paráfrase e uma noção de metáfora que não deriva da retórica, ou dos estudos literários, assim como uma noção de “memória” que tem suas determinações que não são psicológicas, cronológicas etc. A relação entre essas noções e o modo de procedimento da análise de discurso, ligando o que é estabilizado e o que é sujeito a equívoco, no movimento da descrição e da interpretação vai marcar profundamente os estudos da linguagem. (ORLANDI, 2003, p. 5)³

Segundo afirma Orlandi (2002), as condições de produção, em um sentido amplo, não determinam apenas o contexto sócio histórico, mas também do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória. Pois a memória é o lugar da constituição do discurso, é o lugar de produção. É a memória do dizer ou interdiscurso, que responsável pelos sentidos que damos as coisas (interpretações), que decorrem de outro lugar, que comprova a necessidade dos movimentos parafrásticos e polissêmicos para a construção dos sentidos. Não sendo possível estabelecer um sentido totalmente novo, pois esse sentido ficaria possível incompreensível, o novo nasce a partir de deslocamentos do já-dito, ou seja, da memória do dizer.

Conforme Orlandi (1998), todo o enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo portanto suscetível de torna-se outro. É isto que acontece com os diálogos presentes nas tirinhas, o que é dito nunca é exatamente o que é compreendido, é nesse momento que entra o trabalho da polissemia, através da ruptura dos sentidos que leva o sujeito a outro lugar.

³AZEVEDO, Aline. **Sentidos do corpo: metáfora e interdiscurso** – 1518-7632-Id-14-02-00321.pdf. Disponível em: <[Http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-Id-14-02-00321.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-Id-14-02-00321.pdf)> Acesso em 12 de Fevereiro de 2018.

Figura 1 - CONSULTA MÉDICA



Fonte: Facebook

A figura (1) retrata a ida de Armandinho ao consultório médico. No primeiro quadro o médico pergunta **“O SENHOR É O PACIENTE?”** e ele responde **“COSTUMO SER...”**, nesse primeiro diálogo entre os personagens há um confronto na interpretação entre a pergunta do médico e a resposta de Armandinho esse confronto se dá na palavra “paciente”, pois certamente o médico se refere “o paciente” à próxima pessoa a ser atendido. Já na resposta de Armandinho, ele se refere “o paciente” em ter paciência, notamos aí que houve um deslizamento no sentido. Ainda no primeiro quadro da tirinha, vemos que não só a palavra paciente, mas como também o verbo ser no que se refere a fala do médico ele está fazendo uma pergunta afirmativa, já o ser na fala de Armandinho faz referência a virtude de ter paciência.

No segundo quadrinho **“MAS FORAM DUAS HORAS ESPERANDO, NO CALOR E SEM GIBI...”**, no terceiro quadro **“...A MINHA PACIÊNCIA SE FOI FAZ TEMPO!”** no segundo e no terceiro ambas as fala de Armandinho, se desmistifica o duplo sentido que a palavra paciente causou na tirinha, no segundo em forma de reclamação, pois ele estava esperando sem ter algo que o entretém e no terceiro quadro em forma de ironia pela espera de Armandinho em ser atendido pelo médico.

A palavra paciente pode significar em termos de adjetivo: uma pessoa tranquila, tolerante, mansa, serena, pacata, persistente, conformada. Já em termos médico ela significa: a pessoa que está à espera de um atendimento médico, o doente, o enfermo. Assim analisando a tirinha vemos a presença da polissemia na palavra “paciente”, derivada da palavra “paciência”, são palavras diferentes, mas da mesma filiação semântica, porém na tirinha analisada em questão vem de sentidos diferentes causando o equívoco entre o diálogo dos personagens.

Assim como já acima mencionado, a repetição é o que sustenta a paráfrase como matriz dos sentidos, já a polissemia é a movimentação dos sentidos. Se a paráfrase é sustentada pela repetição a palavra “paciente” traz no contexto a produção dos sentidos, provocada no sujeito, na variação das interpretações do enunciado. A partir dela que acontece o efeito polissêmico.

Figura 2 - LIGAÇÃO



Fonte: Facebook

A figura (2) aborda uma ligação de Armandinho para a vó, onde esse diálogo trata dois temas distintos: um está relacionado ao universo futebolístico e o outro ao cenário político do país.

No primeiro quadro da tirinha a fala de Armandinho **“SIM, VÓ! PASSOU NA TEVÊ! – MILHARES DE PESSOAS NAS RUAS!”** Armandinho está relatando a vó sobre o grande número de pessoas que estão nas ruas (a torcida do grêmio), ainda nesse quadro a fala de Armandinho cria uma expectativa sobre do que realmente se trata o fato de milhares de pessoas estarem nas ruas em relação ao segundo quadro.

No segundo quadro a vó diz **““LIBERTAÇÃO”?”**. Essa fala pode se dizer que remete a questão política do país, pois a palavra libertação faz uma insinuação a solução dos problemas do país através da greve que é citada na fala da vó no terceiro quadro. Ainda no segundo quadro a fala de Armandinho **“NÃO, VÓ... PELA “LIBERTADORES”!”** Armandinho se refere a um campeonato esportivo, o equívoco de interpretação da vó na fala de Armandinho, pode sim nos trazer uma ideia de uma crítica social em relação ao “povo brasileiro”, que se unem e saem nas ruas em prol de um time de futebol, mas não saem a favor lutar pelas causas do país.

No terceiro quadro outro equívoco entre o diálogo dos personagens. Armandinho **““GREMISTAS”, VÓ...NÃO “GREVISTAS” ...” – “NÃO CHORE, VÓ...”** ainda na fala

de Armandinho a interpretação da vó, se fazia esperançosa que as milhares de pessoas nas ruas fossem grevistas lutando por direitos, logo após vem a decepção na confirmação que as pessoas espalhadas nas ruas se tratavam de torcedores do Grêmio (gremistas). E na última fala **“NÃO CHORE, VÓ...”** o desfecho do equívoco de interpretação, é a tristeza da vó.

Ao analisarmos essa tirinha as palavras libertação e libertadores, são palavras derivadas porém no contexto tem sentidos totalmente distintos. Assim como as palavras grevistas e gremistas, palavras com sons semelhantes e com grafia diferente. O desvio de sentido provocado na tirinha fica claro, na fala de Armandinho, onde percebe-se que os personagens estão falando de causas distintas, embora sonoramente as palavras “gremistas” e “grevistas” se pareçam, tem sentidos diferentes. O equívoco faz com que o sujeito produza novos sentidos a sua interpretação.

Figura 3 - ÁRVORE OU MUDA



Fonte: Facebook

A figura (3) fala sobre fases de crescimento de uma árvore. No primeiro quadro a fala de Theo é a seguinte **“ÁRVORE”? POIS ISSO PARECE UM ARBURTO!**” nessa primeira fala, a palavra arbusto é um tipo de árvore menor.

No segundo quadro o diálogo começa com Armandinho respondendo à pergunta do amigo, **“É UM FILHOTE! UMA ÁRVORE CRIANÇA, THEO - UM MUDA!”**, nessa conversa Armandinho associa uma árvore pequena (uma muda) a uma criança, devido ela ainda não ter crescido. Até então a tirinha retrata que “muda” e “arbusto” estão ligadas as etapas do crescimento de uma árvore.

No terceiro quadro o equívoco acontece na fala de Armandinho **“EU NÃO SEI... - ELA NUNCA FALOU COMIGO!”**, o equívoco de Armandinho sobre a fala de Theo na palavra muda, vem porque Armandinho associa “muda” a pessoa que não fala e não a fase da árvore enquanto pequena.

Essa tirinha é estruturada nas formas que podemos “classificar” a palavra árvore, baseando-se nisso podemos dizer que o trabalho da paráfrase acontece quando os personagens falam “árvore”, “arbusto” e “muda”, como a forma de dizer o mesmo, de acordo com Orlandi (2002), afirma que a paráfrase é a repetição do mesmo, então é a condição anterior necessária, ainda que de modo parcial, para que a polissemia aconteça. A partir daí quando os personagens denominam “é um filhote” “uma árvore criança”, acontece o deslizamento de sentido no trabalho metafórico, por eles associarem uma árvore, enquanto muda (pequena), a criança ou filhote (que ainda não cresceu). Um outro ponto a se observar, ainda no processo de produção de sentidos é o equívoco na fala “não é uma muda”, “eu não sei nunca falou comigo”, isso quer dizer que o personagem levou o imaginário para o “outro lugar”.

Figura 4 - PERIGOS DA DIREÇÃO



Fonte: Facebook

Na figura (4) tirinha, primeiro quadro da amiga de Armandinho **“ELE DIRIGIA E USAVA O TELEFONE! – “PRA NÃO PERDER TEMPO” ...”**, segundo quadro **“UM DIA BATEU EM UM POSTE! – CLARO... ERA QUESTÃO DE TEMPO...”**, terceiro quadro **“TEVE SORTE! NINGUÉM SE FERIU! – SÓ PERDEU DINHEIRO... E MUITO TEMPO...”**, nos três quadros da tirinha a palavra tempo tem função polissêmica nos sentidos.

No primeiro quadro a palavra tempo remete a questão de que quem estava dirigindo queria resolver outras coisas enquanto dirigia para ganhar tempo, no segundo quadro o tempo determina o momento que poderia acontecer um acidente. Era questão de tempo acontecer uma imprudência do motorista, falando ao celular enquanto dirigia. Já no terceiro quadro o tempo refere-se às horas, falar ao celular dirigindo causou um acidente e acabou atrasando o motorista chegar ao destino desejado.

A tirinha chama atenção a questão corriqueira do dia a dia, em que vemos motoristas imprudentes que costumam falar ao celular enquanto dirige. O autor da tirinha fez um apelo social usando a palavra tempo, a questão da imprudência no trânsito. Ao analisarmos a figura (4), aqui o processo acontece através do deslizamento de sentido no trabalho da polissemia, dessa vez na palavra “tempo”, que associada ao contexto tem várias interpretações. Mas sempre levando o sujeito ao interdiscurso, que responsável pelos sentidos que damos as coisas (interpretações), que decorrem de outro lugar.

Figura 5 - BARBEIRO



Fonte: Facebook

Na figura (5), primeiro quadro fala do amigo de Armandinho **“MEU PAI É BARBEIRO!”** fala de Armandinho **“O MEU TAMBÉM! JÁ LEVOU VÁRIAS MULTAS!”**, nesse diálogo entre os personagens a palavra barbeiro causa o equívoco da tirinha, pois a palavra nesse contexto exprime dois sentidos, o primeiro sentido é o pai do amigo de Armandinho ser barbeiro de profissão. Já na fala de Armandinho o barbeiro que ele se refere é a alcunha que se dá a quem não dirige bem.

No segundo quadro o equívoco ainda continua na fala do amigo de Armandinho quando ele diz **“MEU PAI NEM DIRIGE! – É OUTRO TIPO DE BARBEIRO!”**, pelo conhecimento de Armandinho ele só conhece dois tipos de barbeiro o que dirige mal e o mosquito, quando ele responde **“AHI!”**, essa confusão ainda perdura no terceiro quadro na fala de Armandinho **“O QUE TRANSMITE A DOENÇA DE CHAGAS?”**, o barbeiro a que ele se refere é o mosquito que transmite a doença de chagas.

Ou seja, a tirinha teve em seu contexto confuso para Armandinho, pela sua falta de conhecimento ele não conseguiu entender que seu amigo estava falando da profissão que o pai de exerce, e que não estava falando de dirigir mal, pois ele nem sabia dirigir muito menos de ser o mosquito que transmite doença. A tirinha teve argumento humorístico, e trouxe um

diálogo polissêmico usando a palavra barbeiro. Analisando a figura (5), ocorre o mesmo processo polissêmico que aconteceu na figura (4), dessa vez com a palavra “barbeiro” o deslizamento de sentido, causando efeitos diferentes.

Figura 6 - DIÁLOGO



Fonte: Facebook

A figura (6), no primeiro quadro começa com diálogo entre Armandinho e a mãe, quando ele diz **“MÃE, POSSO COMER UM CHOCOLATE?”** a mãe responde **“FALA COM SEU PAI!”**, a expressão fala com seu pai ordenado pela mãe, nada mais é que pedir permissão para comer o chocolate.

No segundo quadro Armandinho **“PAI, COMO FOI O TRABALHO HOJE?”** o pai responde **“TUDO BEM, FILHO!”**, para Armandinho falar com o pai independente do assim do assunto lhe autorizaria a comer o chocolate.

No terceiro quadro a mãe **“FALOU COM SEU PAI?”** Armandinho **“FALEI!”**. O diálogo termina e o equívoco nas falas dos personagens não se desfaz. O deslizamento dos sentidos presente na tirinha acontece quando a mãe de Armandinho pede para que ele fale com o pai, não na intenção de saber como foi o dia de trabalho dele, mas que o lhe permitisse comer o chocolate, já que na formação conservadora da família tradicional a autoridade maior dentro de casa é o pai, é ele que dá última palavra.

A figura (6) é caracterizada pelo processo metafórico, a partir da fala da mãe de Armandinho na expressão “fala com seu pai”, acontece o deslizamento de sentido, pois o “falar” a que ela se refere é pedir permissão para comer o chocolate. Dessa forma, percebemos que os sentidos do enunciado sofrem alterações de acordo com a interpretação.

Figura 7 - HOBBY



Fonte: Facebook

Na figura (7), Primeiro quadro da tirinha “**ADORAMOS CESTAS...**”, segundo quadro “**ADORAMOS SESTAS...**”, terceiro quadro “**...ADORAMOS SEXTAS!**”. Nessa tirinha diferencia três tipos de hobby que Armandinho e seu sapinho adora fazer, nas palavras “cestas, sextas e sexta”, são palavras de grafias e significados diferentes, porém com o mesmo som.

No primeiro quadro a palavra “**CESTAS**” refere-se ao recipiente feito de palha que serve para transporte e armazenamento de objetos. No segundo quadro a palavra “**SESTAS**” que significa repouso, descanso após o almoço. Já no terceiro quadro a “**SEXTAS**” referida trata-se do dia da semana e o lazer que esse dia proporciona para Armandinho.

Na figura (7), ocorre o mesmo caso analisado na figura (4), novamente o processo da polissemia nas palavras “cestas, sextas e sexta”. Apesar dessas palavras possuírem o mesmo som o efeito da polissemia acontece ao analisarmos o contexto.

Figura 8 - PÔR DO SOL



Fonte: Facebook

Na figura (8), primeiro quadro Armandinho está com uma placa com a seguinte frase **“VENDO PÔR DO SOL”**, alguém pergunta **“QUANTO QUER PELO PÔR DO SOL?”**, nesse primeiro quadro a palavra vendo causa a dúvida na ação de Armandinho, já no segundo quadro ele responde **“NÃO ESTÁ À VENDA! – EU ESTOU SÓ VENDO O PÔR DO SOL!”**, e aí então com essa resposta desmistifica o significado do verbo, onde vendo no contexto se refere ao verbo ver e está na forma de gerúndio do verbo, e que pôde ser interpretado como o verbo vender conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo. No terceiro quadro o autor aproveita a resposta irônica do personagem Armandinho como uma crítica **“APROVEITE PRA VER TAMBÉM!”**, a maioria das pessoas na correria do dia a dia não consegue fazer coisas simples como ver o pôr do sol.

A figura (8), se assemelha ao mesmo processo de análise da figura (2), o ponto em comum entre elas é o equívoco, causado na conjugação dos verbos “ver e vender” que em primeira pessoa tem sentidos diferentes, apesar da mesma grafia. Isso faz com que o enunciado transporte o imaginário do sujeito discursivo para o “outro lugar” no processo de produção de sentidos.

Figura 9 - TIPOS DE MÃE



Fonte: Facebook

Na figura (9), temos um caso de contradição entre as palavras doméstica e selvagem, abordada na tirinha. No primeiro quadro o diálogo acontece quando o amigo de Armandinho diz **“O FABINHO DISSE QUE A MÃE DELE É DOMÉSTICA”**, referindo-se a profissão que ela exerce, ainda no primeiro quadro Armandinho responde **“QUE SORTE A DELE!”**, Armandinho interpreta que a mãe de Fernandinho é dócil, não é braba igual a mãe dele. No segundo quadro ele diz **“A MINHA MÃE É BRABA PRA CARAMBA!”**, afirmando que a interpretação dele foi realmente relacionada ao temperamento que cada mãe tem, e não a profissão de doméstica. No terceiro quadro Armandinho confirma a relação de sentido que ele

fez entre as palavras doméstica e selvagem quando ele diz **“TENHO QUASE CERTEZA DE QUE ELA É SELVAGEM!”**.

Observando o contexto da tirinha quando o amigo de Armandinho relata que a mãe de Fernandinho é doméstica a interpretação de Armandinho nos faz perceber que para ele as palavras doméstica vem de ser domesticada, portanto ela é contrária de ser selvagem, ele faz alusão ao comportamento da mãe e a forma que ela o trata.

Na figura (9) a estrutura do discurso é caracterizado pelo processo metafórico, a partir da comparação que Armandinho faz entre as palavras “doméstica e selvagem”, acontece o deslizamento de sentido, o contexto nos leva a interpretar que Armadinho está associando em ser doméstica com ser domesticada, que tem sentidos completamente distintos. Para ele doméstica não se trata da profissão, por isso ele faz uma analogia de que a mãe dele é selvagem porque não é domesticada.

Figura 10 - CABO OU SOLDADO



Fonte: Facebook

Na figura (10), primeiro quadro **“NÃO VAMOS PRECISAR PARAFUSAR, CAMILO!”**, a tirinha começa com o diálogo entre Camilo e Theo, sobre um carrinho.

Segundo quadro Camilo diz **“OS CABOS JÁ FORAM SOLDADOS!”**, referindo-se algo unido com solda. No terceiro quadro Armandinho fala **“E DIZEM QUE OS SARGENTOS JÁ FORAM CABOS!”**, Armandinho relaciona a palavra cabo a uma patente de hierarquia militar.

Todas as tirinhas analisadas produzem em nós como sujeito discursivo, o desvio de sentido, ao interpreta-las, o equívoco nos faz produzir novos sentidos e capta em nós o trabalho do interdiscurso, com os temas nelas abordadas.

Na figura (10), acontece dois fatos: o primeiro é o processo de polissemia nas palavras “cabos e soldados”. Cabo e soldado são patentes militar, porém no contexto da figura analisada não se trata de patentes. Daí ocorre o segundo processo o equívoco na expressão dita por Armandinho “e dizem que os sargentos já foram cabos!”.

Todos nós um dia já fomos crianças, e é nessa fase que mais se manifesta o relacionar algo ouvido de um adulto com algo parecido ao que acha que está correto: por exemplo na primeira tirinha por não saber o significado da palavra “paciente” relacionado ao consultório médico, é que Armandinho relacionou que ele era uma criança que tinha paciência para esperar mesmo sem ter algo que o distraísse. Na segunda tirinha relatando uma ligação telefônica com a vó, contando o que estava acontecendo na cidade onde ele mora, ele não entende o porquê que a vó fica triste relacionando a situação do país, pois sendo ele uma criança não entende o mundo dos adultos. Na terceira, não sabendo as diferenças entre “muda”, relacionado a árvore e “muda” nome comumente dado a pessoa que não fala. Na quarta os possíveis emprego da palavra “tempo” no contexto. Na quinta as derivações de significados da palavra “barbeiro”. Na sexta tirinha aquele “joguinho de empurra” que os pais fazem com as crianças de pedir permissão para fazer algo. Na sétima os três tipos de hobby relacionado a palavras de mesmo som com grafias e significados diferentes. Na oitava o emprego do verbo ver e o verbo vender que conjugados na primeira pessoa do singular tem escrita e som igual, porém significado diferente. Na nona a relação entre “doméstica” e “selvagem”, o equívoco de achar que são palavras antônimas. E finalmente na décima tirinha semelhança da palavra “cabos”.

Todas essas tirinhas abordam temas diferenciados, contudo todas baseadas no equívoco. O equívoco é portanto essa dimensão onde todo o enunciado está passível de receber outras impressões, diferente de si mesmo, “se deslocando discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”⁴. Segundo Orlandi (1999), o equívoco é a falha da língua na história, ele é o lugar onde se inicia pontos de derivação de sentido e da própria “constituição da subjetividade”. Ele representa a contradição. Ainda segundo a autora há uma abertura da língua para o equívoco, e pelo equívoco que a ideologia se estrutura no sujeito onde o sentido funciona. Assim, tanto no ponto de vista do sujeito para com o sentido, quanto

⁴ Pêcheux, 2008, p.53, retirado da **REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS**. SANTOS, Lucas. **Sujeito e sentido na análise de discurso**. Revista dos alunos da graduação em letras – Ao pé da letra. Disponível em: <http://www.revistaaopedaletra.net/volumes-aopedaletra/Volume%2015.1/Volume15-1_Lucas-de-Jesus-Santos.pdf> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

do sujeito para entre si mesmo a experiência do equívoco é essencial no processo de construção de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste trabalho foi descrever dois objetivos básicos: o primeiro foi explicitar o discurso humorístico, crítico e irônico, por meio da inocência das crianças presentes nas tirinhas de Armandinho, através do desvio de sentidos que elas provocam, pois foi através desses elementos que o criador delas se utilizou para criá-las. O segundo objetivo é mostrar que um indivíduo durante o processo de ensino aprendizagem, se depara a todo momento com o interdiscurso presente nele não só como homem, mas também como sujeito discursivo, e que a Análise do Discurso é fundamental para essa descoberta.

Conforme compreendido durante o desenvolvimento teórico deste trabalho, o discurso é a materialização da ideologia através da língua. Desse modo, pelo que foi visto com as análises das tirinhas, percebo que se tem muito a aprender com esse gênero, pois é um gênero muito comum e muito dinâmico, porém, não pouco relevante. Apesar de se tratar de diálogos curtos, quando associado a imagem, traz uma rica possibilidade de interpretação. Além das temáticas nelas constituídas, as tirinhas traz consigo os processos metafóricos, polissêmicos, parafrásticos, os equívocos e deslizamentos nos sentidos de seus enunciados. Esse foi o intuito principal deste trabalho, analisar como se deu esses processos, através do gênero, como aqui foi analisado.

Outra finalidade agregadora a esse trabalho, seria incluir aplicação desse gênero somado a análise discursiva no processo de ensino, seria uma grande contribuição para a formação do sujeito. Desse modo, vemos a importância desse gênero para o ensino aprendizagem, pois sua temática vai do humor a crítica social, e não há maneira mais produtiva de se aprender se não através de um gênero que traga essa proximidade ao aluno, unindo o “útil ao agradável”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**/ Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

FIORIN, Luiz. **Linguagem e Ideologia**/ São Paulo, SP: Pontes, Editora Ática, 6ª edição, 1998.

GREGOLIN, Maria do Rosario. **Comunicação, Mídia e Consumo**/ São Paulo. VOL.4 N.11 P.11-25 NOV. 2007.

TFOUNI, Leda Verdani; PATONI, Rosa Virgínia. **Sobre a ideologia e o efeito de evidência na teoria do discurso francesa Revista Achegas SET. / OUT. 2005** / Disponível em: <<http://www.achegas.net/anteriores.html>> Acesso em 02 de Março de 2018.

COSTA, Amanda Abreu. **Mulheres no forró**: Estilizações de Gênero, Discurso e Ideologia. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2013. MONOGRAFIA AMANDA – Amandaabreu.pdf. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Amandaabreucosta.pdf>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

CAMBRUSSI, Morgana; POLL, Talita. **AMBIGUIDADE LEXICAL EM TIRINHAS: POLISSEMIA E EFEITO DE HUMOR** | Cambrussi | Revista (Con)textos Linguísticos. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10869/8228>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

BOSCO, Tiago. **Tirinhas, Críticas e Popularidade**: A história de Armandinho contada pelo seu criador – design – Revista Wide. Disponível em: <<http://www.revistawide.com.br/design/a-historia-de-armandinho-contada-pelo-seu-criador>> Acesso em 13 de Fevereiro de 2018.

BRASIL, Luciana. **Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso**: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. Linguagem – Estudos e Pesquisas. 17293. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

AZEVEDO, Aline. **Sentidos do corpo**: metáfora e interdiscurso – 1518-7632-Id-14-02-00321.pdf. Disponível em: <[Http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-ld-14-02-00321.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-ld-14-02-00321.pdf)> Acesso em 12 de Fevereiro de 2018.

FRANÇA, Tyago. **Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux**. Disponível em: <http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n22/artigos/17.pdf> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

SANTOS, Lucas. **Sujeito e sentido na análise de discurso**. Revista dos alunos da graduação em letras – Ao pé da letra. Disponível em: <http://www.revistaaopedaleta.net/volumes-aopedaleta/Volume%2015.1/Volume15-1_Lucas-de-Jesus-Santos.pdf> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites dos simbólicos | Orlandi | RUA. Campinas, 9-19. 1998. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626/8177>> Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

FIGURA 01: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/352617845807192526/?lp=true>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 02: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1759436154101683/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 03: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1810969465615018/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 04: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1624544530924180/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 05: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1779891368722828/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 06: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1692037300841569/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 07: Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/134547196389/um-novo-recuo-uma-bona-not%C3%ADcia-na-sexta-s%C3%A3o>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 08: Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/109389328889/do-armandinho-tr%C3%AAs-livros>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 09: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/67624431883753257/>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

FIGURA 10: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1782626008449364/?type=3&theater>> Acesso em 15 de Dezembro de 2017.